



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1476>

DOI: 10.20396/liames.v8i1.1476

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2010 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

RESENHAS

ZÚÑIGA, Fernando (2006). *Deixis and alignment. Inverse systems in indigenous languages of the Americas*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. Pp. xii +309. ISBN 90-272-2982-1. (Hardcover). \$180.00.

A grande maioria das línguas naturais induz seus falantes a representarem estados transitivos dos eventos, nesse processo determinadas entidades recebem maior atenção em detrimento de outras, tratadas como menos proeminentes. Da mesma forma, em muitas línguas os processos morfossintáticos evidenciam que as estruturas lingüísticas são sensíveis a uma hierarquia subjacente das entidades condicionadas por parâmetros de tipo semântico, referencial e/ou pragmático. Por exemplo, em línguas indígenas norte-americanas os argumentos se ordenam com base em uma hierarquia de animacidade em que a 1ª e 2ª pessoas ficam em um degrau mais alto da hierarquia, e os nomes inanimados em um degrau mais baixo. Nesse sentido, em uma construção sintática os marcadores no verbo podem indicar se o sintagma nominal [animado] é A (relação direta) ou se é P/O (relação inversa)¹.

Justamente, na década de 1970, os estudos das línguas centraram-se nos seus sistemas de casos e seus respectivos alinhamentos com o intuito de verificar como as gramáticas se comportavam a respeito dessa hierarquia. Os resultados desses estudos evidenciaram que em muitas línguas as sentenças com verbos transitivos podiam ser expressas recorrendo a uma construção direta ou a uma construção inversa, como mostra o seguinte dado da língua plains cree (família algonquiano).

(1) Plains cree (Zúñiga, 2006:2)

a) *ni - wâpam - â - w*
1 - see - DIR - 3
“I see him/her” (direct)

b) *ni - wâpam - ikw - w*
1 - see - INV - 3
“s/he sees me” (inverse)

Nessas duas construções (1a, 1b), observa-se a partilha da mesma base verbal *wâpam* “ver” (*see*) e os marcadores morfológicos de pessoa: *ni*- “1ª” e *w* “3ª”, respectivamente. Assim sendo, a interpretação das duas sentenças está ligada à diferença da direção da marcação. Em (1a) o morfema {-â} “DIRETO” indica que a ação de ver se dá a partir do argumento A que está no degrau mais alto da hierarquia em direção àquele no degrau mais baixo, condicionado pela presença de hierarquia de pessoa. Em (1b) o morfema {-ikw} “INVERSO” indica que essa ação é dada a partir de P/O manifestado pelo marcador morfológico {-w} “3ª”.

¹ Usam-se os símbolos A e P/O para indicar os argumentos nucleares de uma sentença com verbo transitivo, e S para indicar o argumento único de uma construção com verbo intransitivo.

Contudo, os termos DIRETO, INVERSO aplicados inicialmente nos estudos de línguas da família algonquiana e posteriormente estendido em seu uso para uma variedade de línguas com características genéticas e areais diferentes levantaram uma série de dúvidas e questionamentos. Argumentava-se, por exemplo, que as construções inversas eram muito parecidas a construções passivas tanto de línguas indo-européias quanto de algumas não-indo-européias, como se observa em southern tiwa (kiowa-tanoano).

(2) Southern tiwa (Zúñiga, 2006:2)

- a) *seuan-ide* *ti-mu-ban*
 man-s 1sII(A)-see-PST
 “I saw the man” (direct)
- b) *seuan-ide-ba* *te-mu-che-ban*
 man-s-OBL 1sI-see-PASS-PST
 “the man saw me” (inverse)

Analisando dados como os de southern tiwa, fica mais evidente a questão: Uma construção inversa é igual a uma passiva ou são construções diferentes? É, justamente, em meio a essa polêmica que surge a publicação *Deixis and alignment. Inverse systems in indigenous languages of the Americas*, da autoria de Fernando Zúñiga.

O autor aplica uma abordagem funcional-tipológica à análise da inversão e da direção da marcação em 12 línguas ameríndias, de famílias diferentes: plains cree, miami illinois, ojibwa (algonquiano); kutenai (isolada); umatilla sahapitin, nez perce (sahaptiano); arizona tewa, picuris, southern tiwa, jemez, kiowa (kiowa-tanoano) e mapudungun (isolada).

O livro está dividido em 8 capítulos, sendo que nos capítulos 1, 2 e 8 são desenvolvidos os aspectos teóricos do alinhamento e da direção da marcação. Os demais capítulos, 3 ao 7 (pp. 69-244), são dedicados à descrição e análise individuais da morfossintaxe das 12 línguas citadas anteriormente. A obra inclui também 3 apêndices: o primeiro inclui os paradigmas verbais – transitivo e intransitivo – das línguas algonquianas, o segundo traz uma breve descrição dos prefixos de pessoa em kiowa e, no terceiro, o autor mostra como a teoria sintática da otimalidade vem aplicando seus princípios gerais aos sistemas de voz e caso e, por extensão, em línguas que se caracterizam por terem sistemas inversos. As Referências bibliográficas, os índices de línguas, autores e matérias fecham o conteúdo do livro.

Fernando Zúñiga inicia o primeiro capítulo discutindo os conceitos dos papéis e funções gramaticais, que são relevantes para a interpretação dos sistemas de alinhamento e sua relação com a marcação da direção. Para o primeiro caso, ele assume o modelo S/A/O, com base nos trabalhos publicados por Comrie (1981) Dixon (1994), Dixon e Aikhenvald (2000). Os papéis gramaticais são dados por S, A, O e E: S refere-se ao actante único de uma sentença intransitiva; A é o actante de uma sentença transitiva, prototipicamente denota o iniciador ou controlador de um estado de coisas; O é o outro actante da sentença transitiva, que prototipicamente denota o participante afetado pelo estado de coisas; E representa uma extensão dos argumentos nucleares S/A/O e, tipicamente, denota os argumentos não-A e não-O, tais como recipiente, beneficiário, estímulo e experienciador.

Para o tratamento das funções sintáticas ou relações gramaticais, Zúñiga segue uma abordagem funcionalista, definido-as como categorias não-primitivas nem definidas estruturalmente. Distanciando-se, em parte, da visão tanto dos formalistas como de alguns funcionalistas, o autor considera as relações gramaticais como conceitos relacionados a línguas específicas.

O alinhamento é definido por Zúñiga com base em Harris e Campbell, autores que definem o alinhamento como “the distribution of morphological markers or of syntactic or morphological characteristics; it is intended as a neutral way of referring to ergative, accusative, and other distributional patterns” (Harris e Campbell, 1995:240). Os tipos de alinhamento com marcadores morfológicos são exemplificados com dados representativos de línguas como latim (acusativo), basco (ergativo), nez perce (tripartido) e choctaw (intransitivo cindido).

Particularmente relevante é a seção dedicada ao tema das cisões. Nela, Zúñiga discute o fato de que as línguas podem ser morfologicamente ergativas, mas com sintaxe acusativa. Também os sistemas de caso podem funcionar como acusativos para certos pro(nominais) e serem ergativos para outros, ou acusativos em algumas configurações de Tempo/Aspecto e ergativos em outras. Do mesmo modo, as cisões sintáticas podem ser condicionadas pela distinção entre oração principal e oração subordinada.

No tema das cisões², Zúñiga argumenta que elas podem ser acomodadas no modelo S/A/O, mas uma dimensão adicional é uma espécie de “*deus ex machina* in that the model shows how alignment patterns are distributed but does not tell why they should be distributed in a particular way” (p. 12). Nesse sentido, o autor assume que o mecanismo deve ser complementado como uma explicação da relação existente entre hierarquia nominal e a distinção aspectual, de um lado, e a cisão de caso, de outro.

Outros dois pontos importantes do capítulo 1 dizem respeito à relação existente entre a hierarquia dos alinhamentos e a direção da marcação. No primeiro caso observa-se que as línguas espriam diferentes padrões de marcação em diferentes domínios, ora na morfologia ora na sintaxe. Adicionalmente, pode acontecer que em determinadas línguas ocorra um traço morfossintático de “*indexability hierarchy*”, como definido em Bickel e Nichols (2007), característica que não pode ser descrita adequadamente sob o modelo tradicional de S/A/O. Daí que os modelos de alinhamento precisam de, alguma forma, acomodar esse traço morfossintático, recorrendo a alinhamento tradicional em termos de neutro, acusativo, ergativo, oblíquo duplo, intransitivo cindido. Contudo, para outras cisões e padrões hierárquicos, é preciso recorrer a princípios adicionais como sensibilidade às hierarquias, hierarquia da indexabilidade, ou postular um tipo adicional de alinhamento hierárquico como defendido em Nichols (1992), ou um tipo inverso como em Klaiman (1991).

O segundo ponto, direção da marcação, reflete o alinhamento entre a hierarquia de indexabilidade e a hierarquia relacional, em que o argumento A se posiciona em um degrau superior com respeito ao argumento O. Assim, se o referente do degrau mais alto for A, o predicado ou a oração toda se marcará como direto e, como inverso, se o referente mais alto for O.

² O autor adverte que ocasionalmente usará o termo *polynomy* como um hiperônimo de “alinhamento cindido” (p.12).

Fechando esse capítulo, Zúñiga reconhece que o alinhamento hierárquico e a direção, embora intimamente relacionados, são traços independentes e não precisam concorrer. A morfologia verbal de uma língua pode ser descrita apenas como o conceito de alinhamento hierárquico, sem recorrer à direção da marcação. Também a morfossintaxe de algumas línguas seria adequadamente descrita recorrendo ao modelo S/A/O, mas permitindo adicionalmente a direção da marcação, caso não houvesse o alinhamento hierárquico.

No segundo capítulo, o autor desenvolve a teoria da direção, trazendo à discussão:

- 1) as categorias gramaticais envolvidas;
- 2) as características formais e funcionais da direção.

Um aspecto importante da direção é a relação entre marcação inversa e voz passiva. Muito semelhante a uma construção passiva, uma inversa codifica O como o argumento mais saliente em uma construção sintática. Daí que se coloca a questão seguinte: Em uma língua A, uma construção X é uma passiva ou uma inversa? Segundo Zúñiga, ela pode ser respondida em termos estritamente formais ou em termos funcionais. Como representante da primeira abordagem, é examinado o trabalho de Klaiman (1991). Essa autora define voz como a categoria que codifica as alternâncias em uma configuração de estrutura nominal com a qual os verbos estabelecem uma relação particular (1991:261). Justamente, passiva e inversa se relacionam com voz, mas na interpretação de Klaiman, em construções com voz passiva há redução de valência do predicado, nas construções com voz inversa não há diminuição de valência do predicado. Por outro lado, a passivização de uma oração não altera seu conteúdo proposicional. Uma construção em voz inversa, ao contrário, altera o conteúdo proposicional, como no exemplo citado por Zúñiga (p. 33), a seguir:

- (3)
 - a) *the man scared the woman* (voz ativa) versus
 - a') *the woman was scared by the man*

 - b) *the man scared the woman* (voz direta) versus
 - b') *the man was scared by the woman* (voz inversa)

Outros autores como Dixon e Aikhevald (1997) consideram a construção inversa completamente diferente de voz, pois construções inversas não mudam a valência do verbo e se relacionam diretamente com a condição referencial dos argumentos. Para Zúñiga, as abordagens de Klaiman (1991), Dixon e Aikhevald (1997) relacionam-se com fatos estritamente estruturais e que delegam alguns aspectos funcionais para um segundo plano.

Na abordagem funcionalista de Givón (1994), e em alguns trabalhos sob a égide da teoria da otimalidade, as construções inversas não são tratadas separadas das operações de voz. Nesse caso, a inversão é concebida “as a particular value along a scale measuring the relative topicality of A and O” (p. 29). Concretamente, Givón (1994) considera o inverso como um tipo de voz detransitiva, porém definido em termos funcionais. Uma construção inversa se dá com voz detransitiva paralelamente ao que ocorre nas construções passivas,

em que O adquire mais topicalidade que A, mas à diferença das passivas, nas construções inversas o argumento A mantém sua topicalidade. Em construções passivas, O possui mais topicalidade que A, e A perde seu traço de topicalidade ao ser suprimido ou apagado completamente.

Zúñiga segue uma via diferente com base no trabalho de DeLancey (1981, 2001) e propõe uma abordagem diferente no tratamento da direção. Como em DeLancey, ele assume que a direção não se relaciona com o tipo de voz, mas constitui uma categoria

“essentially deictic. This means that its yield is indexical: it points to something, in this case to the admittedly rather abstract notion of direction in which a state of affairs is related flows – not spatially or temporally, but in terms of the action that takes place between two or more arguments” (p. 31).

Uma segunda seção do capítulo 2 está dedicada ao tratamento dos parâmetros da direção. Três parâmetros de direção são descritos:

1) *Local da marcação*. Relaciona-se com a marcação formal da direção em uma construção sintática e de sua relação que se dá entre o núcleo e seu dependente. Quatro possibilidades são listadas:

- (i) marcadores separados, constituídos por clíticos;
- (ii) marcação dependente, um afixo, clítico ou palavra funcional constituindo um tipo de unidade com o dependente;
- (iii) marcação de núcleo, um afixo, clítico ou palavra funcional formando um tipo de unidade com o núcleo;
- (iv) marcação dupla, a marcação ocorre tanto no núcleo como no dependente³.

2) *Domínio da direção*. Esse aspecto relaciona-se com o envolvimento das pessoas na marcação da direção. Três domínios são discutidos:

- (i) domínios mistos, são situações em que SAP⁴ e uma 3ª pessoa estão envolvidos (SAP↔3), ou seja, relaciona-se com a interação entre as pessoas envolvidas nos atos de fala (SAP) e aquelas que não estão;
- (ii) domínio não-local, quando apenas as 3^{as} pessoas estão envolvidas (3'↔3"). As diferenças desses participantes é dada considerando as propriedades semânticas inerentes (por exemplo, animacidade), os fatores pragmáticos (por exemplo, uma entidade por ser tratada como mais saliente ou com maior topicalidade que outra), os fatores gramaticais (por exemplo, possuidor *versus* possuído, o SN-singular *versus* o SN-plural); e

³ No caso específico da direção, o núcleo está representado pelo predicado, comumente um verbo, os elementos dependentes são os argumentos, geralmente (pro)nominais (Zúñiga, 2006:47).

⁴ Speech Act Participant (Participantes do Ato de Fala, ou seja, 1ª e 2ª pessoas em relação a uma 3ª).

(iii) domínio local, nesse caso os cenários envolvem apenas SAPs (SAP↔SAP).

3) *Focalidade*. Relaciona-se com o grau de especificidade da informação codificada pelos marcadores da direção. Quatro valores de focalidade são citados pelo autor:

- (i) direção não-focal (não-restrita), tanto as pessoas-fonte (A) como as pessoas-alvo (O) são explicitadas, por exemplo, 1sO, 3^a, como ocorre em dados das línguas miami-illinois e quechua de Cochabamba (pp. 55-57);
- (ii) direção de foco baixo, nem as pessoas-fonte (A), nem as pessoas-alvo (O) são explicitadas, somente a direção ocorre, por exemplo: [alto]→[baixo], [baixo]→[alto]. Esse fato é mostrado com dados da língua plains cree (p. 58);
- (iii) direção de foco médio, uma língua pode distinguir em relação a se os argumentos estão adjacentes (“direção fraca”) ou não (“direção forte”) na hierarquia;
- (iv) direção de foco alto (particular), tanto as pessoas-fonte com as pessoas-alvo são explicitadas, por exemplo, 1s→2, 2p→1p como mostram os dados citados da língua miami-illinois (p. 59).

Tendo feito a apresentação teórica nos dois primeiros capítulos, Zúñiga dedica os capítulos 3 ao 7 à descrição sistemática dos sistemas de alinhamento de 12 línguas ameríndias, pertencentes a 5 famílias linguísticas diferentes. Para cada uma das línguas selecionadas, o autor apresenta uma análise sistemática dos paradigmas morfológicos e sintáticos. É importante ressaltar que o autor é cuidadoso em não apresentar conclusões definitivas na análise dessas línguas, abrindo, ao contrário, vias para pesquisas posteriores. Por exemplo, nas conclusões sobre as línguas algonquianas assume que o inverso não fica claro, sendo o termo apenas um rótulo para um sistema bastante heterogêneo, pois cada língua apresenta nuances que diferem uma da outra, fato que se manifesta igualmente na hierarquia da indexabilidade e nos cenários locais. Do mesmo modo, nas conclusões sobre o kutenai, mostra que as funções sintáticas dessa língua não ficam claras. Parece evidente o reconhecimento de uma cisão básica entre orações não-local, local e mistas que vão além da direção, mas a questão do alinhamento parece resultar problemática. Além disso, os cenários locais e mistos mostram os tipos de orações transitiva, intransitiva e passiva, e os cenários não-locais espriam os tipos intransitivo, passivo, transitivo direto e transitivo inverso. Já com respeito ao mapundungun, Zúñiga assume que as estruturas linguísticas dessa língua se apóiam tanto no alinhamento hierárquico quanto na marcação morfológica da direção. No primeiro caso, a hierarquia de indexabilidade rege o acesso às funções sintáticas; no segundo caso, os marcadores morfológicos ocorrem no núcleo da oração. Alguns deles, como os marcadores de pessoa (-n 1s, -mün 2p, -iyu 1d, -iñ 1p), ocorrem no final do verbo. Outros, como os formativos -fi, -e, -um, -nge e -w, aparecem como adjacentes imediatos do tema verbal (p. 241).

No oitavo e último capítulo intitulado “Conclusions”, Zúñiga retoma os pontos centrais discutidos e apresentados nas seções anteriores, focalizando:

- (i) os parâmetros da direção;
- (ii) a voz e o *continuum* do inverso;
- (iii) a direção global.

Em parâmetros da direção é relevante o local da marcação. Nesse ponto, o autor mostra que as línguas algonquianas, kutenai, nez perce, kiowa e mapudungun se caracterizam por levar a marcação no núcleo, as quatro línguas tanoano (arizona tewa, picuris, southern tiwa, jemez) mostram padrões de marcação dupla. A línguaumatilla sahaplin é considerada a mais complexa, pois combina diversos tipos de marcação e com marcação de caso nos dependentes. A direção pragmática nessa língua é marcada tanto por prefixos verbais como por caso, evidenciando uma marcação dupla, sem ligação alguma com a passivização. Finalmente, nessa língua a marcação da direção local se dá no núcleo e por clíticos independentes.

A respeito dos três domínios da direção discutidos amplamente no capítulo 2, o autor mostra que a maioria das línguas apresenta direção global. Contudo, kutenai espria apenas direção não-local e o nez perce exhibe somente domínio local. A língua kiowa apresenta direção nuclear sem direção não-local, mas o domínio local é difícil de categorizar (p. 247).

Continuando com sua reflexão, Zúñiga apresenta quatro correspondências formais e funcionais das línguas que exibem direção global:

- (i) *simétrico*: todos os domínios são formalmente distinguidos, nuclear a (SAP \leftrightarrow 3), local (SAP \leftrightarrow SAP), não-local (3 \leftrightarrow 3);
- (ii) *centrado-primário*: o domínio local (SAP \leftrightarrow SAP) é marcado diferentemente dos domínios nuclear (SAP \leftrightarrow 3) e não-local (3 \leftrightarrow 3);
- (iii) *centrado-secundário*: o domínio não-local (3 \leftrightarrow 3) é marcado diferentemente dos domínios nuclear (SAP \leftrightarrow 3) e local (SAP \leftrightarrow SAP);
- (iv) *dimensão única*: todos os domínios são tratados de maneira idêntica.

Na seção que trata do inverso, o autor traz uma breve discussão sobre voz da autoria de Croft (2001) e do inverso apresentado por Fadden (2000). Zúñiga lembra que para Croft (2001) as relações gramaticais são supérfluas, mas as funções sintáticas, ao contrário, não são. Em seguida, reproduz os parâmetros de voz discutidos por Croft:

- (i) concordância e caso de A;
- (ii) concordância e caso de O;
- (iii) transitividade da forma verbal;
- (iv) identidade da forma verbal em relação com sua forma básica.

Logo depois, Zúñiga lembra que Fadden aborda os sistemas inversos como “inverse continuum”, em que o inverso é visto como fraco ou forte, de acordo com os parâmetros de:

- (i) existência do “inverso hierárquico” (direção semântica);
- (ii) existência de “inverso discursivo” (direção pragmática);
- (iii) existência de passiva contrastiva;
- (iv) marcação no núcleo; e
- (v) transitividade (As construções inversas são transitivas ou não?).

Na seção dedicada à morfossintaxe da direção (ponto iii – direção global), Zúñiga explicita que há pelo menos três possibilidades em que a função (“role”) e as hierarquias de indexabilidade não são alinhadas: no primeiro caso, a hierarquia funcional rege o acesso às funções sintáticas, por isso o argumento primário é A e o outro argumento, tipicamente secundário, é O (por exemplo, a morfologia inversa da língua sahapitin). No segundo e terceiro casos (inversos sintáticos), é a hierarquia de indexabilidade que rege o acesso às funções sintáticas, daí que o argumento mais alto é o argumento primário, mesmo sendo O; e o argumento mais baixo é A (como em kiowa, e talvez em mapundungun, kutenai e nas línguas algonquianas) e até um oblíquo (como em tanoano).

Nas últimas páginas do capítulo, são dedicadas algumas notas sobre os modelos teórico-sintáticos, que, de uma maneira ou outra, resultam compatíveis com os pontos de vista levantados pelo autor concretamente: a *Lexical-Functional Grammar*, a *Role and Reference Grammar* e a *Optimality Theory*.

O livro escrito por Fernando Zúñiga e publicado pela John Benjamins é um ótimo aporte ao conhecimento dos sistemas inversos. A obra reveste-se ainda de maior importância por estar dedicada ao conhecimento e descrição das línguas ameríndias. Como afirma o autor,

“[t]he attempts to take structures that deviate from the textbook account of (mostly well-known western) Indo-European languages led to a debate on surface versus deep ergativity, which in turn informed the notion of mixed-pivot language we encounter [...]. The distinction between morphological and syntactic ergative languages has given way to a more principled multi-layered view of syntax acknowledging different degrees of syntactic ergativity” (p. 263).

Sem dúvida, os temas abordados no livro serão mais bem aproveitados por leitores com uma bagagem ampla nas teorias funcionalistas que tratam do alinhamento e dos sistemas inversos. Em suma, pesquisas interessadas em fenômenos lingüísticos complexos e interessantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICKEL, Balthasar; NICHOLS, Johanna. (2007) Inflectional morphology. In Timothy Shopen (ed.). *Language typology and syntactic description*, 2ª ed. Vol. III: Grammatical categories and the lexicon, pp. 169-240. Cambridge: Cambridge University Press.
- COMRIE, Bernard. (1981) *Languages universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell.
- CROFT, William. (2001) *Radical construction grammar. Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- DeLANCEY, Scott. (1981) An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language* 57(3):626-657.
- _____. (2001) Lectures on functional syntax. Notes for the Summer School held at the University of California at Santa Barbara, July 2001.
- DIXON, R. M. W. (1994) *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.

- DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, Alexandra. (1997) A typology of argument constructions. In Joan Bybee; John Haiman; Sandra Thompson (eds.). *Essays on language function and language type. Dedicated to T. Givón*, pp. 71-113. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- _____.(2000) *Changing valency. Case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FADDEN, Lorna. (2000) *The inverse continuum*. M.A. Thesis, Simon Fraser University.
- GIVÓN, T. (1994) *Voice and inversion*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- HARRIS, Alice; CAMPBELL, Lyle. (1995) *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KLAIMAN, M. H. (1991) *Grammatical voice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NICHOLS, Johanna. (1992) *Language diversity in space and time*. Chicago: The University of Chicago Press.

Angel Corbera Mori
Departamento de Lingüística
IEL-UNICAMP